

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP



**Estação
das Letras
e Cores**

Educação, pesquisa e engajamento: uma trajetória imbrincada

Cláudia Lago

Falar de si, tentar expor motivações, construir uma trajetória coesa, com começo e continuidade é uma tarefa prazerosa e ao mesmo tempo difícil. Prazerosa porque olhar para si alimenta nosso narcisismo. Difícil porque olhar para si, quando este movimento envolve um mínimo de honestidade, põe em xeque as escolhas, os caminhos. A tentação é construir um percurso linear, não acidentado, que valorize cada passo e cada opção. Mas esta narrativa é necessariamente um embuste, pois não há percurso sem percalço, desvios inúmeros e acertos que advêm do acaso tanto quanto de objetivos. Além dos fracassos.

Este pois é meu espírito ao tentar dar coesão a uma trajetória que não é linear nem planejada. Uma narrativa *a posteriori* que necessariamente conterà *gaps* e imprecisões. Mas vamos a ela, primeiro apontando um lugar social de onde provenho e que atravessa esta trajetória, para em seguida, a partir do estabelecimento de um começo arbitrário, iniciar a jornada propriamente dita. Início com algumas informações biográficas acadêmicas, para depois falar sobre entrelaçamentos teórico-metodológicos e militâncias dentro da academia (que, no entanto, a extrapolam).

De onde falo

Sou filha de professores universitários, da Universidade Federal de Santa Catarina (nasci em Florianópolis). Meu pai, já falecido, era historiador e geógrafo, ecologista, com inúmeros livros sobre geografia de Santa Catarina e trabalhos sobre ecologia publicados. Minha mãe, aposentada, é formada em pedagogia, mas vinculada ao departamento de Psicologia da UFSC, militante feminista aguerrida que, atualmente, é uma das editoras da *Revista Estudos Feministas*, importante publicação na área de Estudos de Gênero no Brasil, com reconhecimento internacional no campo.

Por uma série de razões que seriam melhor explicitadas a partir de uma chave psicanalítica, acabei por me formar em Jornalismo, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Antes de me formar já trabalhava, especialmente em assessorias de imprensa. Ao terminar a graduação sentia-me desconfortável com o mundo de evidências dos jornalistas. Na época, inquietava-me a percepção de que jornalistas aceitavam tacitamente que seu trabalho era falar sobre a verdade dos fatos. Estas inquietações, mais o desejo de retornar a Florianópolis, fizeram com que eu tentasse o mestrado em Antropologia Social, na UFSC (escolhido entre outros das humanidades pelas leituras propostas, pela sensação de maior liberdade – o que se comprovou).

Fiz o mestrado em uma época em que podíamos nos dar ao luxo de ter muito tempo para pesquisar. E este tempo se prorrogou, porque foi coalhado de crises pessoais e repetidos adiamentos, além do nascimento do meu filho com a junção entre estudo/pesquisa e maternidade, em uma época em que ela era ainda mais problemática e menos aceita¹.

¹ Brincamos que determinadas ações podem atrasar uma pós-graduação, como a separação, a maternidade (e é justo que atrase), muitas mudanças etc. Eu tive um filho, mudei de cidade, construí uma casa, separei-me e casei novamente. Tudo em um mestrado que, por isso, foi excessivamente longo e complicado. Quando estava fazendo meu doutorado, meu pai teve câncer e, depois de um processo que durou cerca de dois anos, morreu. Desta feita, minha pesquisa teve uma pequena interrupção, quando larguei a vida para ficar os últimos meses com ele, minha mãe e irmã. E foi prontamente retomada, quase como uma tábua de salvação, após sua morte, algo com o que se ocupar unicamente, aliviando a dor da perda. Menciono esses dados pessoais para indicar que a pesquisa não acontece à margem da vida. Ela faz parte e é alimentada por nossa existência cotidiana que, de alguma forma, incorpora nossas reflexões.

Ao fim, consegui produzir uma dissertação que não foi lá muito bem-vista aos olhos da banca. Lembro-me de uma das arguidoras apontando para a forma herética como eu usava Pierre Bourdieu (a espinha central do meu trabalho). Obtive o título, mas se houvesse nota não seria das melhores.

Menciono isto com dois objetivos: o primeiro, o de ser mais fiel aos percalços, e o segundo, porque acho que é importante desmistificar os processos acadêmicos. Como canso de dizer a orientandas e orientandos, o mestrado é a primeira etapa de uma carreira de pesquisa e é importante para aprender o ofício – mas há muito mais além disso.

Foi no mestrado em Antropologia, que internalizei meu *habitus* (BOURDIEU, 1996) de pesquisa. Aliás, foi no mestrado que minha então orientadora, Miriam Grossi, me apresentou Bourdieu, autor essencial na minha trajetória, presente na dissertação de mestrado e na tese de doutorado, esse realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP) e em trabalhos publicados, em aulas ministradas na pós-graduação² mas, especialmente, na forma de ver o mundo e o ofício acadêmico – como um “esporte de combate” que tem o objetivo de fornecer instrumentos acurados de desvelar as estruturas opressivas para combatê-las, com rigor metodológico e a partir de pressupostos que questionam o senso comum. Um esporte que deve, especialmente se voltado ao campo da comunicação, pensar o poder e as violências simbólicas (BOURDIEU, 1989).

Foi no mestrado, acalentado junto ao autor, que desenvolvi meu amor à teoria e ao processo de construção metodológica e ampliei minhas desconfianças com o óbvio, como o regularmente dito, com o naturalizado como verdade, fatos etc. Como um dos frutos plantados no período e consolidados no doutorado, menciono a organização junto com Marcia Benetti, amiga da Universidade Federal do

2 Em 2017, 15 anos após sua morte, propus uma disciplina curta sobre o autor, “Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação”, que já havia dado como convidada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que gerou o texto “Pierre Bourdieu e algumas lições para o campo da comunicação” (LAGO, 2015). A ideia era reforçar a importância do autor naquela efeméride. No entanto, continuei oferecendo a disciplina todos os anos desde aquela época, inclusive durante a pandemia.

Rio Grande do Sul, o livro *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo* (LAGO; BENETTI, 2010), que chegou a ser reimpresso inúmeras vezes e que teve uma repercussão expressiva no Jornalismo. A história do livro está marcada também pela minha relação com o Jornalismo e uma das primeiras militâncias acadêmicas.

O jornalismo como campo de combate

Apesar de meu estranhamento, o jornalismo sempre foi um campo de combate. Enquanto práxis social e também dentro do campo da comunicação, que durante muito tempo esteve atrelado a disputas externas que buscavam privilegiar agentes em detrimentos de outros já instituídos. E como acontece nas disputas acadêmicas, já bastante enfatizadas (BOURDIEU, 2011), os agentes buscam tornar legítimos seus próprios recursos, desvalorizando assim os recursos de outros competidores.

Foi nesse contexto que me envolvi com um grupo de pessoas que hoje são grandes amigas e amigos. Juntos nos mobilizamos para fundar, em 2003, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A SBPJor foi extremamente marcante em minha vida acadêmica, porque me forneceu um lugar de troca acadêmica. Até 2014, eu sempre trabalhei em universidades privadas, ligada unicamente à graduação. Apesar de ter amigas e amigos indispensáveis, das trocas maravilhosas com estudantes, de ter neste lugar me feito professora, são espaços não marcados pelo incentivo à pesquisa. Ao contrário, pesquisar é nadar contra a corrente. Desta forma, a SBPJor foi para mim um porto seguro, um espaço de trocas. Por isso, também, que durante parte importante da minha vida dediquei-me à Associação, tendo sido membro de diretoria como conselheira científica, depois diretora administrativa por duas gestões e presidente da entidade de 2013 a 2017. Após este período permaneci envolvida, até 2020, com a *Brazilian Journalism Research*, a BJR, uma das mais interessantes revistas de nosso campo, como parte do grupo de editores(as). Conto isto pois a SBPJor e as trocas que ela me possibilitou estão entranhadas no que sou como pesquisadora e pensadora do campo.

A relação com o Jornalismo está presente em boa parte de minha produção acadêmica, a começar pelos trabalhos de pesquisa no mestrado (Burocráticos e Românticos: pontos para uma etnografia do campo jornalístico paulistano) e no doutorado (O Romantismo morreu? Viva o romantismo. Ethos romântico no jornalismo). E permanece até hoje, junto às minhas pesquisas que buscam olhar para os atravessamentos de gênero, a partir de uma perspectiva interseccional, especialmente nas narrativas não ficcionais.

No entanto, há algum tempo minha carreira, minhas pesquisas e meu olhar sofreram uma inflexão, ou melhor, ela foi possibilitada pela entrada enquanto docente na Universidade de São Paulo.

Um novo lugar e vários retornos

Prestei concurso junto ao Departamento de Comunicações e Artes (CCA), da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), em dezembro de 2014. Fui efetivamente contratada em junho de 2015. O concurso visava preencher uma vaga junto à Licenciatura em Educomunicação, temática com a qual eu havia me habituado há anos, tendo participado de vários dos importantes projetos de Educomunicação (Educom.rádio, Educom.Centro-Oeste, Educom.Saúde), realizados, desde o início dos anos 2000, pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA, ligado ao CCA. Mais do que habituada ao tema, na verdade eu me sentia profundamente apegada às discussões e reflexões encaminhadas junto à Educomunicação, a perspectiva da construção do conhecimento, à horizontalidade almejada das relações, enfim, os pressupostos educacionais (SOARES, 2011), que já tentava incorporar como prática didática, apesar das dificuldades dadas pela qualidade do ecossistema comunicativo (SOARES, 2000) da universidade privada.

Ao entrar no CCA, comprometi-me com a necessidade de desenvolver pesquisas e me associar a um programa de pós-graduação. Em pouco tempo, propus uma disciplina relacionada ao projeto de pesquisa, a Alteridade em diálogo: Educomunicação, Relações de Gênero e Narrativas Midiáticas Não Ficcionalis ao PPGCom, programa

no qual obtive meu título de doutora. Conforme os objetivos, a ideia é apresentar a Alteridade a partir de uma perspectiva multiconceitual, entendê-la enquanto relações estabelecidas com um “Outro” que é constituído social e historicamente. Ao mesmo tempo, entrelaçar estas questões com a Educomunicação e a partir do campo dos estudos de gênero, observando especialmente narrativas midiáticas não ficcionais. A proposta baseia-se na justificativa de que

A discussão da Alteridade, tida como a relação com um “Outro” histórica e socialmente construído, tem sido central na contemporaneidade, a partir da constatação de que as representações sociais que apontam para uma humanidade unificada com base em parâmetros do Ocidente Cristão não dão conta da complexidade das relações sociais. No Brasil, a discussão da Alteridade é feita dentro de um contexto específico, em que “Outros”, imigrantes, estrangeiros, dividem esta condição com amplas parcelas da população, tomadas também como “Outros”. Estes “Outros” estão dentro dos sistemas de ensino, não feitos para eles, e são representados em suas alteridades na Mídia, espaços ímpares da construção das representações coletivas. A centralidade da questão da Alteridade, notadamente nos espaços escolares, e sua relação intrínseca com a Mídia, portanto, demanda que ela seja pensada e refletida de forma mais intensa³.

A disciplina se articula em três eixos, o primeiro deles, a discussão conceitual da questão da alteridade segundo diversas abordagens, incluindo aí o embasamento de questões a partir do campo da

³ Justificativa da disciplina. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/janus/componente/catalogoDisciplinasInicial.jsf?action=3&sgldis=CCA5915>.

educomunicação, já que a educação é constantemente convocada para construir as relações de alteridade, a partir de pressupostos de exclusão especialmente – que a educomunicação aponta, denuncia e busca superar. O segundo, o entrelaçamento com o campo dos estudos de gênero, que visceralmente tem interrogado a naturalização do mundo e, conseqüentemente, a constituição da alteridade. E, por fim, o olhar para as narrativas não ficcionais, não tão evidentes nos estudos sobre representações do “Outro” dentro do PPGCOM, apesar de fundamentais na construção dessas representações.

A disciplina sintetizou minha adesão programática a três universos de pesquisa/reflexão: educomunicação, estudos de gênero e narrativas não ficcionais. Com o tempo, o mergulho no campo dos estudos de gênero passou a ser determinante, especialmente pela chegada de estudantes de pós com interesse nas questões levantadas. Nos fazemos educadoras e educadores na relação com estudantes, e isso vale para qualquer nível de ensino.

Ao mesmo tempo, foi uma resposta a indagações feitas por minha mãe, estudiosa do campo há muito tempo, quando defendi meu doutorado. Acompanhante constante de minhas incursões acadêmicas, questionou-me de pronto, apontando para o fato dos atravessamentos de gênero não terem sido considerados em minha pesquisa. Esse questionamento ficou em suspenso durante meu tempo de professora em uma privada, quando desenvolvi trabalhos sobre o campo jornalístico dentro do possível – e sem conseguir ampliar meu repertório para dar conta de pensar estes atravessamentos⁴.

A entrada na USP e no PPGCOM, portanto, foi uma possibilidade de um resgate de algo latente e de uma projeção de algo futuro. Porque pensar em qualquer pesquisa no campo da comunicação, que

4 Quando ministro a disciplina Gênero, Mídia e Educação para a graduação, peço que estudantes façam um trabalho sobre o momento em que se percebem atravessados pelas estruturas que organizam gêneros. No meu caso particular, a percepção deste atravessamento se deu desde muito cedo, o que não poderia deixar de ser tendo uma mãe feminista. Em conversas com colegas de escola, tempos depois, descobri que eu era feminista para eles(as) mesmo sem saber que o era para mim. Na minha infância e adolescência, o termo não estava tão em evidência como hoje, o que não significa que uma percepção da desigualdade entre homens e mulheres (ou meninos e meninas), bem como estratégias para questioná-las não fossem possíveis e constantes.

não leve em conta os atravessamentos das estruturas que naturalizam as diferenças, considerando a centralidade contemporânea destas essenciais “tecnologias de gênero”, como indica De Lauretis (2019), parece-me pouco produtivo e bastante limitante. Aliás, seguindo minha atração pelas questões epistemológicas, trabalhos que mapeiam esta ausência no campo, têm sido uma constante de minha produção (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016; LAGO; CANJANI; BERGO, 2020, MARTINEZ; LAGO; HEIDEMANN, 2022).

O mergulho no campo dos estudos de gênero e a convivência constante com estudantes negros e negras que passaram a frequentar especialmente a graduação, trazendo inúmeros interrogantes, também abriu as portas para outro resgate: pensar a racialização (e a classe, que a ela se atrela num país como o nosso) como constitutiva das relações e, portanto, essencial para nossas análises sobre objetos do campo da comunicação. Essa percepção se deu também visceralmente⁵, já que o racismo me atravessa de forma pessoal. Meu pai era um homem negro de pele clara, o que o fez passar a vida tentando não sê-lo, investindo em sua passabilidade branca. E esta violência, que ainda não consigo elaborar de forma mais aprofundada, lança uma sombra e uma presença em minhas inquietações. Ela está atrelada e produz um olhar que vê a racialidade e que me aproxima de autoras que pensam dentro da lógica da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002). Esta abertura tem produzido reflexões, em conjunto com estudantes de pós e colegas, incluindo aí sobre as ausências deste olhar nas pesquisas realizadas na comunicação (LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018, LAGO; MARTINS; NONATO, 2019, CERQUEIRA; LAGO; NONATO, 2022).

Um modo de pesquisa e de pensar: em rede e em atuação

Resgatando meu *habitus*, que pensa o produzir ciência a partir da lógica coletiva, minha ação educacional, que pensa a construção

⁵ Aqui aponto para uma das minhas convicções em termos de pesquisa: não existe neutralidade em pesquisa (o que não significa que não exista rigor teórico-metodológico em pesquisa), investimos em nossos objetos aquilo que nos liga a eles.

do conhecimento a partir da relação com as pessoas envolvidas, em relações mútuas e horizontalizadas o máximo possível, resta apontar ainda a percepção de que não há produção de conhecimento que aconteça sem estar ligada à difusão deste conhecimento. Ou seja, o ofício científico é um ofício militante também.

No caso de pesquisas que se organizam a partir do campo de estudos de gênero, entrelaçadas à percepção das interseccionalidades e da exclusão de corpos dissidentes, esta militância é constante e acontece mesmo sem que se queira nela pensar.

O fato de produzirmos pesquisas que apontam para os mecanismos de naturalização das estruturas excludentes, que colocam como regra e ponto de partida o sistema branco masculino cis heteronormativo, construindo como “outros” e sujeitos a não pertencimentos, todas as pessoas que não são homens brancos cis e heteros das camadas mais abastadas, ou seja, criando sistemas que excluem a maioria esmagadora da população, observados os atravessamentos dos diversos marcadores sociais, é uma ação militante, mesmo que isso não esteja na intenção inicial das pesquisas.⁶

Neste sentido é importante mencionar um espaço na academia que também faz parte da configuração de meu lugar enquanto pesquisadora, a Rede Não Cala USP!, de professoras e pesquisadoras contra o assédio e a violência de gênero na universidade. Composta por mulheres de diversas áreas e campi, a Rede foi um lugar de encontro e também de amparo dentro de uma estrutura que ainda é excessivamente elitista e excludente – mesmo que consideremos os avanços nos últimos anos, como a tardia adoção, se comparada com outras universidades, de uma política de cotas na graduação. Além de um espaço de articulação sobre as questões de gênero e raça na USP, também é um espaço de produção de conhecimento, tanto bibliográfico (CRUZ; ALMEIDA; OLIVEIRA; LIMA; LAGO; MACHADO, 2018) quanto didático, como o curso “Rede Não Cala discute Gênero”, ofertado on-line em

6 Não à toa estas pesquisas têm sido atacadas e este tem sido o terreno fértil da luta contemporânea que constrói uma extrema direita empenhada em atacar direitos de mulheres, negros e negras, LGBTQIAP+ e todas as pessoas com algum tipo de marcador de diferença em relação à norma naturalizada.

2020. E um porto seguro para discutir e encaminhar as angústias que pesquisadoras enfrentam no seu cotidiano, já que o marcador gênero nos atravessa também na pesquisa e na docência.

Além da Rede não Cala!, que tem uma configuração específica, importante frisar que meu trabalho enquanto pesquisadora busca se organizar em rede. Não acredito e não professo o lugar do pesquisador individual, imerso em seu universo particular, quase uma figura romântica nos moldes que já aponte há tempos, pensando no jornalista. A condição da reflexividade (BOURDIEU, 2006) passa pela organização de um trabalho coletivo. Desta forma, estou reunida com estudantes de pós e colegas/amigas/amigos, no Grupo de Pesquisa Alteridades, Subjetividades, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e nas Artes, o AlterGen, que realiza ações de divulgação de nossas pesquisas, especialmente o encontro anual Fazendo e Desfazendo (FZDZ) Gênero, na ECA. Esse, aliás, vincula-se também a projeto de extensão, o Diversidade na ECA – a pesquisa tem que se desdobrar para a Extensão e o Ensino. É por isso que invisto em textos e artigos a várias mãos, já que eles se fazem sempre em diálogo. Antes de ser uma estratégia frente às exigências da produtividade nos moldes em que nos colocam (ou nos quais nos colocamos), é uma perspectiva de ação, uma confiança na capacidade do coletivo se contrapor às lógicas individualistas que permeiam e sustentam a carreira universitária, e uma crença de que a ciência se faz a partir de lugares situados (HARAWAY, 2009), em redes.

Este trabalho coletivo permite inclusive a abertura dos horizontes teórico-metodológicos. Foi nessas trocas que pude aprofundar o conhecimento sobre feminismos negros e latino-americanos, sobre a cruzada antigênero, sobre o racismo estrutural, sobre a decolonialidade, a perspectiva queer, e tantas outras perspectivas e olhares que me foram apresentados na relação com colegas, amigas, orientandos e orientandas tão essenciais na minha trajetória⁷.

Termino este retrospecto, portanto, agradecendo a oportunidade deste contato. Sem essas redes de ação, pesquisa, solidariedade,

⁷ Estes encontros permitiram uma ampliação dos referenciais teóricos que não é possível comportar neste texto, mas que estão indicados nas bibliografias dos trabalhos produzidos que menciono.

amizade e compartilhamento a reflexão não seria possível. Ou seria muito limitada, aquém da tarefa que nos cabe. Retomando Bourdieu, nosso ofício deve ser um serviço público com o objetivo de desvelar e desnaturalizar o mundo social, permitindo que pessoas e grupos se apropriem desta desnaturalização para transformar suas vidas. Sem essa premissa é apenas uma atividade estéril e burocrática, a serviço da manutenção das estruturas que produzem e reproduzem as desigualdades.

Referências

- BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. **Autoanálises de um sociólogo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.
- BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CERQUEIRA, C.; LAGO, C.; NONATO, C. Comunicação, mídia e interseccionalidade: uma relação necessária. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 16, n. 3, p. 1-6, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i3.55923>.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJ-Z397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>.
- CRUZ, E. F. *et al.* Don't stay silent: network of female professors against gender violence at University of São Paulo (USP). **Annual Review of Critical Psychology**, v. 15, p. 223-245, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002997738.pdf>.
- DE LAURETIS, T. Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

- LAGO, C. Pierre Bourdieu e algumas lições para o campo da comunicação. **Intexto**, n. 34, dez. 2015, p. 728-744, Disponível em: doi:10.19132/1807-8583201534.728-744.
- LAGO, C.; KAZAN, E. M.; THAMANI, M. Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. **Anais** [...], Joinville: Escola de Comunicações e Artes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003028415.pdf>.
- LAGO, C.; MARTINS, F.; NONATO, C. A alteridade na educomunicação: estudos de gênero, interseccionalidade e performance. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 54-65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p54-65>.
- LAGO, C.; CANJANI, E.; BERGO, I. Estudos de gênero em interface com signos e mídia: aproximações muito tímidas. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 33-44, 2020. Disponível em: DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v12i2p33-44.
- MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. C. S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22464>.
- MARTINEZ, M.; LAGO, C.; HEIDEMANN, V. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: a relação tênue continua. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, e41919, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41919>.
- SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, ano 7, n. 19, p. 12-24, São Paulo: Segmento; ECA-USP, set./dez. 2000.
- SOARES, I. O. Educomunicação, um campo de mediações. *In*: CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.